



AMÉRICA LATINA E LUTA DE CLASSE: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Fátima Moraes Garcia¹

INTRODUÇÃO

Para a realização deste estudo, em sua integralidade, busquei compreender as mediações presentes entre os processos históricos da classe trabalhadora geral/CTG, da classe trabalhadora do campo/CTC e da classe burguesa na América Latina. Sendo que, nesta síntese o destaque está em Florestan Fernandes (2005, 2008, 2009), em torno de suas contribuições marxistas para estudos da América Latina e Luta de Classe, em que no limite deste texto apresento reflexões sintéticas e, ao mesmo tempo, indicativas das bibliografias utilizadas como aportes do embasamento metodológico e teórico-reflexivo do estudo.

METODOLOGIA

Os aspectos metodológicos do estudo foram fundamentos em Marx (2004) e Cheptulin (2004) para a fundamentação do método do Materialismo Histórico Dialético e outros elementos vinculados a conceitos e categorias em Garcia (2012), conforme estas definições:

1. *As relações de produção* regulam tanto a distribuição dos meios de produção e dos produtos quanto a apropriação dessa distribuição e do trabalho. Elas expressam as formas sociais de organização voltadas para a produção. Os fatores decorrentes dessas relações resultam em uma divisão no interior das sociedades;

2. *O modo de produção* constitui a base do regime social e determina o seu caráter e

¹ Professora Titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Coordenadora da Linha de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo - GEPEC/CNPQ. Professora e orientadora no Mestrado Profissional em Educação do Campo da UFRB e no Mestrado Acadêmico em Ensino Básico da UESB. Endereço eletrônico: fmg.2009@hotmail.com



determina a forma de organização da sociedade. Confirma-se por essa relação que a base econômica (infra-estrutura econômica) acaba por determinar a superestrutura jurídica-política e ideológica de uma sociedade;

3. As *classes como grandes grupos sociais e o trabalho* que se diferenciam entre si pelo lugar que ocupam em um sistema de produção social, ou seja, pelas relações em que se encontram com respeito aos meios de produção, assim como pelo papel que desempenham na organização social do trabalho e conseqüentemente pelo modo e a proporção em que recebem a parte da riqueza social;

Estes fundamentos colaboram para delinear as categorias mais gerais que compõem as análises teóricas decorrentes dos processos históricos da classe trabalhadora geral/CTG, da classe trabalhadora do campo/CTC e da classe burguesa na América Latina, e de forma específica no Brasil. E assim situar as contribuições marxistas de Florestan Fernandes para análises históricas e sociais sobre as mediações entre CTG e CTC.

O MARXISMO NA AMÉRICA LATINA E FLORESTAN FERNANDES: ENTRE O DIVERSO SE ENCONTRA O COMUM?

Para uma compreensão mais sintética sobre o tema apresento aqui alguns recortes do estudo de Neto (2012) sobre “Nota sobre o marxismo na América Latina”, com o objetivo de situar o enfoque teórico que estou me reportando para explicitar o contexto histórico [que aqui aparece de forma breve²] que oferece condições para a compreensão dos estudos de Florestan Fernandes.

De acordo com Neto (2012) as ideias de Marx e Engels chegam à América Latina no final do século XIX, a partir de imigrantes europeus, sobretudo italianos e espanhóis de inspiração anarquista e/ou de grupos socialistas.

A pergunta “*entre o diverso se encontra o comum?*” vai ao encontro das explicações de Neto (2012) ao tratar da identidade da América Latina, apresentando inicialmente estas constatações: Ao longo do século XX, a América Latina registrou experiências políticas muito peculiares, que a marcaram profunda e diversamente: grandes insurreições antioligárquicas, vitoriosas ou não (México, 1910; El Salvador, 1932; Bolívia, 1952), intentos mais ou menos exitosos de modernização social sob regimes ditatoriais (no

2 Estudos mais detalhados estão em organizados no tema: Pensamento marxista na América Latina.



Brasil, Vargas, 1930/1945, e, na Argentina, Perón, 1946-1955), guerra civil (Costa Rica, 1948), processos revolucionários que se orientaram ao socialismo, vitoriosos ou não, contra a ordem ou no interior da ordem (Cuba, 1959; Nicarágua, 1979; Chile, 1970- 1973), lutas guerrilheiras (em praticamente todo o subcontinente, nos anos 1960) que até hoje persistem (Colômbia), breves episódios democratizantes envolvendo as Forças Armadas (Peru, 1968; Bolívia, 1971), longas ditaduras extremamente corruptas (no Paraguai, 1954-1989, na Nicarágua dos Somoza, intermitentemente entre os anos 1930 e 1979, e no Haiti dos Duvalier, 1964-1986) e, enfim, as ditaduras do grande capital erguidas no Cone Sul sob a égide da “doutrina de segurança nacional” (Brasil, Chile, Uruguai e Argentina) entre 1964 e 1976, cujas crises diferenciadas culminaram, nos anos 1980, em movimentos de democratização muito particulares.

Quando a análise parte para o que daria ou não identidade (ou unidade) a América Latina como um todo, logo se pensa nas grandes diferenças culturais que foram construídas neste solo, como defende Báez (2010) nos conduzindo para análises desde as raízes Maias e Astecas. Neto (2012) vai dizer que é compreensível, pois, que uma efetiva unidade latino-americana só possa ser pensada como não identitária, como unidade do diverso. E por esta explicação ao pensar no que daria uma unidade no campo dos estudos marxianos na América Latina, também indica a necessidade de compreender o diverso em relação a prática social que lhe dá concretude:

Esta unidade latino-americana é um processo em construção, que possui como base objetiva o fato de as massas trabalhadoras do subcontinente terem os mesmos inimigos: o imperialismo (especial, mas não exclusivamente, o norte-americano) e as classes dominantes nativas, a ele associadas. E é, portanto, compreensível que não se possa falar sem mais de um “marxismo latino-americano”: desde os anos 1920, o desenvolvimento do marxismo (e das organizações políticas nele inspiradas) na América Latina foi e continua sendo, na entrada do século XXI, largamente diferenciado, diferenciação que não elude traços e elementos comuns (NETO, 2012, pg. 02).

É diante do avanço do pensamento marxista na América latina e ao mesmo tempo do movimento contra o Stalinismo, primeiras décadas do século XX, que mais adiante, como explica Neto (2012) pelo fenômeno próprio dos anos 1960, seja pela abertura da universidade latino-americana às demandas políticas da época, seja pela gravitação posta pela renovação do marxismo que então tinha curso, encontra-se uma relação positiva entre as ciências sociais acadêmicas e o pensamento marxista. O que então faz emergir a chamada “sociologia crítica”, que para Neto (2004, 2012) seus frutos são perceptíveis até



hoje em vários países latino-americanos.

Por este percurso, da sociologia crítica e do movimento marxista, segundo Neto (2012) três cientistas sociais se destacaram: O brasileiro *Florestan Fernandes* (1920-1995) que pela larga bibliografia a incidência do marxismo se faz sentir após 1968 com as obras: *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*, 1968; *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*, 1973; *A revolução burguesa no Brasil*, 1975; O mexicano *Pablo González Casanova* (1922), autor de *Sociología de la explotación* (1969), *Medio siglo de historia de América Latina* (1978) e *Imperialismo y liberación en América Latina* (1983); O peruano *Anibal Quijano* (1928), grande estudioso de J. C. Mariátegui, entre outros estudos relevantes como: *Nacionalismo y capitalismo en Perú* (1971) e *Imperialismo y marginalidad en América Latina* (1977). Outro nome que se destaca para Neto (s/d) nesta tradição é o Octavio Ianni (1926-2004), discípulo de Florestan Fernandes e escritor de: *Imperialismo na América Latina* (1974), *A formação do Estado populista na América Latina* (1975) e *A ditadura do grande capital* (1981), entre outras importantes obras.

Com o colapso do “socialismo real” - Polônia, 1981; a queda do Muro, 1989; a extinção da União Soviética, 1991 - sofreria o marxismo seus impactos, gerando movimentos contrários a este pensamento. Aqui na América Latina, nesse mesmo período se registra a restauração democrática nos países do subcontinente até então submetidos a regimes ditatoriais, o que, portanto, favoreceu o desenvolvimento da reflexão marxista, mas não de forma plena, devido influências vindas de acontecimento que emergiam na Europa. Explica Neto (2012) que os grandes partidos comunistas do Ocidente ao se desmantelarem corroboraram para que os partidos comunistas latino-americanos experimentassem também graves crises, a exemplo do Brasil, Argentina e México, ainda que seguidas de processos de refundação.

Entre outras conclusões Neto (2012) vai afirmar que, na trajetória da América Latina, para os pensadores marxistas, são anos, simultaneamente, de resistência e avanço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, na íntegra, aponta que Florestan Fernandes está entre os principais percussores das ideias marxistas no Brasil, no período que se inicia na década de 40 (quando adere ao Partido Socialista Revolucionário/PSR) percorrendo o período da ditadura militar até a década de 90. Oliveira (2010) corrobora para a confirmação desse



percurso intelectual e militante de Florestan Fernandes ao trazer esta reflexão:

Essa adesão apaixonada à razão científica (ou melhor, às potencialidades de se utilizar o conhecimento científico para a galvanização dos elementos dinâmicos de transformação social), no período de sua formação intelectual, tem como pano de fundo uma luta clandestina contra o Estado Novo, quando passa a tomar contato mais profundo com o marxismo. (OLIVEIRA, 2010, pg. 26)³

O que torna ainda mais interessante a aproximação com as obras de Florestan esta em compreender exatamente a forma (talvez peculiar) com que ele apresenta suas argumentações sob a égide da ciência marxista, de forma que elabora estudos apontando para as contradições de um processo revolucionário observando tanto a movimentação da classe burguesa como da classe trabalhadora da América Latina. Seria Florestan a principal ponte do marxismo científico, por meio de seus estudos e militância, com outros estudiosos marxistas e revolucionários da América Latina do século XX, e em especial para explicar o atual fenômeno social da classe trabalhadora do campo? Portanto, se explicita a necessidade de buscar subsídios teóricos com base no Materialismo Histórico Dialético/ MHD para, assim, aprofundar a compreensão e apreensão dos engendramentos existentes entre os estudos de Florestan Fernandes, suas abordagens e os processos históricos que hoje definem um quadro epistemológico e prático para Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista**. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 2004.

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América: da conquista à globalização**/Fernando Baéz; Léo Schlaman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Prefácio: José de Souza Martins. 5ª Ed., São Paulo: Globo, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de Casos e subdesenvolvimento**. Apresentação de Paul Singer. 5ª Ed. rev. São Paulo: Global, 2008.

3 *Estado Novo: período em que Getúlio Vargas governou o Brasil de 1937 a 1945.*



FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** Apresentação de Ricardo Antunes. 4ª Ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

GARCIA, Fátima Moraes. *A educação do campo para os povos do campo: das contradições capitalistas às possibilidades de superar a educação rural.* In. **Estado, Políticas e Capitalismo: múltiplas interpretações.** Org.: Almeida, J. R. M. & Santos, J. D. F. dos. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.

NETO, José, Paulo. **Marxismo impenitente:** contribuição á história das idéias marxistas. São Paulo; Ed. Cortez, 2004.

_____. **Nota sobre o marxismo na América Latina.** Disponível em: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/O-marxismo-na-America-Latina-JP-Netto.pdf>.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** São Paulo: Boitempo. 2004.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. **Florestan Fernandes.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.